

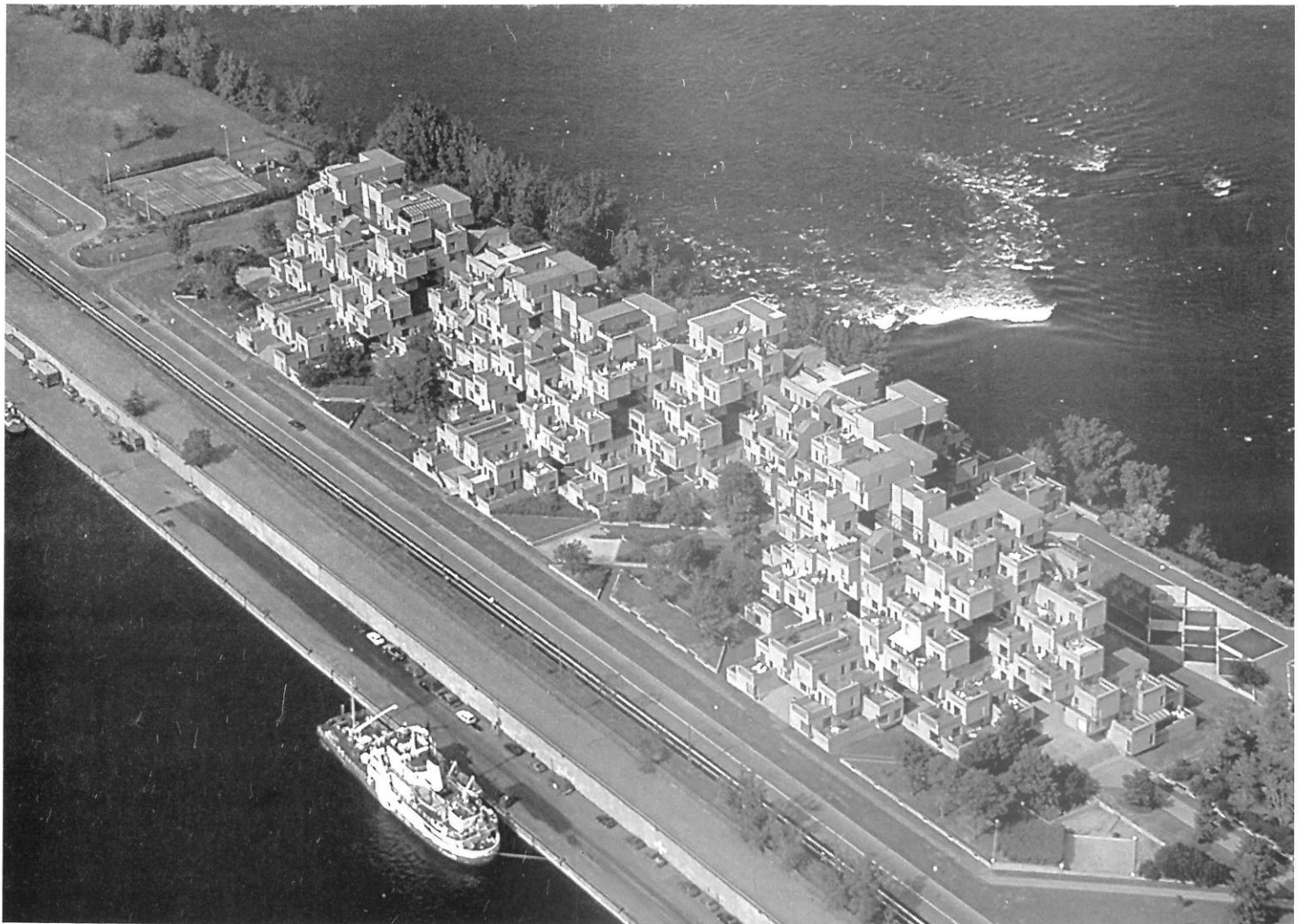
Além do Habitat

Moshe Safdie

tradução
Silvana Rubino

colaborador
Maurício Masson

fotos
Timothy Hursley



Este texto foi originalmente publicado como nova introdução ao livro de Moshe Safdie **Beyond Habitat by 20 Years**, Special Anniversary Edition, Montreal, ed Tundra Books. Agradecemos ao arquiteto Moshe Safdie pela permissão de tradução e publicação do presente texto e à Sra. Lisa J. Green, de Moshe Safdie and Associates Inc. (Arquivos e Publicações) pela graciosa cooperação na pesquisa deste material. Todos os contatos com o escritório de Moshe Safdie foram feitos por Eduardo Aquino.

Eduardo Aquino, correspondente Óculum em Montreal, trabalha nos detalhes finais de realização do Memorial para a Universidade de Concordia, vencedor de concurso público, e leciona como professor adjunto na Escola de Arquitetura da Universidade de McGill e como professor associado em estudos interdisciplinares no Goddard College em Vermont, EUA. Ver do mesmo autor **Chão de estrelas** Óculum 5/6 jan/dez 1994 edição março 1995 pp 72-73

Além do Habitat, uma apresentação

Eduardo Aquino

Durante o invernosso janeiro de 1987, na minha primeira visita a Montreal, a primeira motivação que tive para descobrir a cidade foi exatamente explorar as suas manifestações arquiteturais, um hábito adquirido toda vez em que me vejo numa cidade desconhecida. Logo percebi um cenário que expressava um caráter não-regional, qualidade comum da metrópole norte-americana, constituída de um maneirismo mesclado de influências históricas vindas da Europa e do exagero americano do arranha-céu central e do subúrbio batido e espalhado. A partir do momento em que comecei questionar a essência da arquitetura canadense ao andar pelas ruas ou visitando bibliotecas e museus, percebi que tal tarefa era na realidade muito mais complexa do que imaginei, questão que ainda me persegue até hoje.

E foi naquela primeira visita que o sentido de escala e assentamento urbano —visíveis na arquitetura de Ernest Cormier, na geodésica de Buckminster Fuller ou nas torres residenciais de Mies van der Rohe em Westmount Square— conquistaram o meu amor pela cidade. Mas foi o Habitat 67, neste mesmo contexto urbano, que mais indicou um sentido progressista, demonstrando o nível de experimentação radical que o ideal moderno pode assumir. Habitat não se conformou com modelos existentes; ao contrário, incorporou um padrão altamente avançado de experimentação, criando assim uma das mais significativas contribuições à arquitetura desta terra setentrional.

Com Habitat —construído por ocasião da Exposição Internacional de Montreal (Expo 67)— o seu arquiteto, Moshe Safdie, superou todas as hipóteses utopistas dos anos sessenta, como as sugeridas por Archigram, Future Systems e Metabolistas, inserindo na paisagem de Montreal um experimento autêntico e pragmático de como a pré-fabricação e a organização diversa de espaços podem aludir à uma arquitetura em

conexão exemplar com o terreno, sem se impor drasticamente na malha urbana existente. Esta estrutura de 158 blocos não só redefiniu o conceito de habitat, criando um forte aspecto de individualidade num edifício multifamiliar, mas também recriou uma nova alegoria para a cidade. Repousando na costa sul da Île-Sainte-Hélène, nas margens do rio St. Lawrence, a configuração orgânica do Habitat sugere um diálogo com um outro marco significativo da cidade, o Mount Royal, invocando um novo reconhecimento de tempo e lugar.

À maneira de Frederick Law Olmsted, que transformou a montanha com seu desenho charmoso, respeitando o fluxo primitivo da natureza, Safdie acentuou a relação do rio com a cidade valorizando a sua estratégica presença: o edifício, namorando o rio, parece flutuar sem nenhum esforço, como um dos transatlânticos de Le Corbusier em *Vers une Architecture*. Habitat revela um sentido de lugar não só para a comunidade que o ocupa, mas também para aquele que vive a cidade, que passeia pelas bordas do porto, frenteando a presença escultural dos gigantescos mas elegantes silos. Safdie engenhou algo além do que um simples condomínio de classe média, mas um verdadeiro marco na paisagem montrealense.

Neste mesmo ano de 87 Moshe Safdie escreveu o texto que se segue. Foi originalmente publicado como uma nova introdução ao seu já conhecido *Beyond Habitat*, no qual enuncia com muito mais detalhes e nuances a sua experiência ao criar este monumento vivo da história da arquitetura deste século. Exemplo significativo de como transformar supostas utopias em realidade, Habitat gerou bem-estar consistente com a cultura, contexto e tecnologias do seu próprio tempo.

Além do Habitat

Moshe Safdie

Arquiteto canadense-israelense, Moshe Safdie projetou Habitat quando ainda estudante da Universidade McGill. Realizador de vários projetos em Israel, Canadá e Estados Unidos, tem como principais exemplos o Museu Nacional do Canadá em Ottawa e o Yeshivat Porat Joseph Rabbinical College em Jerusalém. A Biblioteca Pública de Vancouver, de sua autoria, abriu suas portas ao público recentemente. Moshe Safdie leciona na Universidade Harvard, em Boston.

Num dia claro de outubro de 1985, sai do Dorval Airport em Montreal e fui para Habitat. Eu estava atendendo ao chamado de Frank Motter, um antigo morador do local, que tinha me informado que o governo federal havia decidido colocar o conjunto à venda. A associação dos inquilinos queria um encontro comigo para discutir sua posição.

Por algum tempo, a Corporação Central de Hipoteca e Habitação (*Central Mortgage and Housing Corporation — CMHC*), o órgão federal ao qual Habitat pertencia, ponderou a questão de como lidar com isso. A propriedade federal do edifício pelo CMHC era de certa forma um anacronismo. Habitat não era exatamente o que podemos chamar de habitação pública. Devido à sua popularidade sem precedentes —uma lista de espera de cinco anos, com unidades que ficavam disponíveis apenas quando algum inquilino mudava de cidade (ninguém mais deixava Habitat) e sublocação com acordos "por baixo do pano"— era claro que havia um valor de mercado. Os aluguéis, restritos pelas leis de controle de locação de Quebec, estavam abaixo do mercado e Habitat era um dos endereços mais desejados de Montreal.

Meu taxi desceu a via expressa Bonaventure, uma via de acesso à Expo, que tínhamos construído em 1967, e entrou na Cité du Havre, a longa península artificial que adentrava o St. Lawrence —ali nós havíamos situado o Habitat e os outros edifícios permanentes da Expo. O encontro aconteceria num pavilhão adjacente ao Habitat, que agora era um clube particular.

Havia aproximadamente cento e cinquenta pessoas na sala, que tinha vista para as vias expressas e para o St. Lawrence. Anoitecia. Frank Motter fez um discurso incitando os inquilinos a formarem uma associação e a fazerem uma oferta para comprar o edifício. Jean-Pierre Goyer, um ex-ministro federal e morador do Habitat, explicou que muitos empreendedores deveriam fazer uma oferta para adquirir Habitat, contando com futuras leis condominiais que permitissem obter lucros com o edifício. Os moradores do Habitat estariam assim em desvantagem. Outro morador levantou-se e falou, em francês, do ambiente maravilhoso que Habitat proporcionava e do sentido coeso de comunidade que havia criado. Ele falou sobre as quadras de tênis que a comunidade tinha construído e das possibilidades maravilhosas de realização caso o projeto pertencesse aos inquilinos.

Outra pessoa falou em inglês sobre problemas técnicos, ou seja, sobre custos de manutenção, sobre a projeção de custos publicada pelo governo, enquanto outros pegavam o microfone e usavam superlativos para contar como o Habitat tinha afetado suas vidas.

Eu estava cada vez mais agitado. Aqui estava eu, depois de dezoito anos vivendo principalmente em Cambridge, Massachussets (minha primeira esposa e meus filhos mais velhos ainda moravam em Habitat), vendo um sonho se realizar: não o edifício, que permanecia lá em concreto, madeira e vidro, mas um grupo de pessoas que tornou-o sua aldeia e passou a amá-lo com paixão. Os moradores incluíam Madame Rosalie Sargent, de noventa e dois anos, que era a moradora mais antiga tanto em posse como em idade; Dick Shain da *Montreal Gazette*, que se mudou logo após a Expo; Pierre Tisdale, formado em arquitetura em McGill; ministros federais, atores e cantores; moças e rapazes boêmios; solteiros; e casais jovens com bebês que nasceram em Habitat.

Frank Motter me apresentou a eles. Disse que eu aceitara o convite para responder a algumas de suas perguntas. Pedeu a todos aqueles que queriam se associar para comprar o edifício que depositassem um cheque de mil dólares por cômodo (os apartamentos tinham de um a quatro cômodos).

Eu disse que achava que o edifício estava em excelente estado. É verdade que o CMHC tinha negligenciado um pouco o paisagismo e a manutenção das entradas, mas isso era irrelevante. Mencionei a eles as conclusões da revisão completa do projeto que fizemos quatro meses antes, com uma equipe formada por mim, pelo engenheiro estrutural Dr. August Komendant, pelo gerente da obra Cipriano Da Re e pelos empreiteiros contratados. Ao contrário do cenário de juízo final que se projetou em 1967, o edifício tinha envelhecido bem. Senti que fazer uma oferta pelo edifício era um gesto válido e demonstrei minha convicção entregando, ritualmente, um cheque de quatro mil dólares a Motter, como pagamento do apartamento 1011 —a unidade de quatro cômodos onde minha

família vivia. Naquela noite, mais de dois terços dos 158 inquilinos do Habitat juntaram-se à sociedade.

Mas nem tudo seria um mar de rosas. O governo recusava-se a negociar exclusivamente com os moradores. Quando os lances começaram, a associação ofereceu 6,5 milhões de dólares pelo edifício, enquanto valor mais elevado, de 7,171 milhões, vinha de um tabelião chamado Pierre Heafey, de Gatineau, Quebec. A associação dos inquilinos apelou ao governo: "Nós vivemos aqui há quase vinte anos. Por favor, negocie conosco: deixe-nos igualar a maior oferta. Nossas vidas estão ligadas a esse projeto. Eles telefonaram para Cambridge e eu telefonei para Ottawa onde nesse momento eu era persona grata, pois estava atuando no projeto e na construção da Museu Nacional do Canadá. Tudo em vão. Em 31 de janeiro de 1986 os papéis foram assinados com o Sr. Heafey, que se tornou o proprietário do Habitat.

Motter e seu comitê não desistiram. Eles recusaram a idéia de fazer uma campanha política e decidiram partir para uma base empresarial. Marcaram encontros com o investidor e fizeram uma oferta, dando a Heafey 1,35 milhões de dólares em dinheiro e assumindo uma hipoteca de 8 milhões. O investidor ponderou sua opção. Uma conversão futura que poderia significar lucros maiores acarretaria brigas infinitas para realocar os moradores. A venda aos moradores eliminaria esse problema e daria um lucro de 1,35 milhões em três semanas —o que não era nada mal. Os documentos foram redigidos e os inquilinos tornaram-se proprietários do Habitat 67.

Em maio de 1986 eu estava de novo a caminho do Habitat. Desta vez o encontro era com o comitê indicado pelos inquilinos/proprietários e com o gerente do edifício que foi contratado pelo comitê de seis membros. Eu deixei o carro perto das quadras de tênis da parte norte e caminhei em direção ao conjunto central. Os plátanos e carvalhos que tínhamos plantado em 1967 haviam



crescido —algo como quatro andares. Nos terraços as flores tinham crescido e virado uma massa densa e colorida. O concreto tinha envelhecido com graça, ganhando uma pátina cinza/bege. A vegetação viçosa das árvores e parreiras cobriam os jardins suspensos. Podia-se ver móveis de quintal coloridos, churrasqueiras, muitas bandeiras —de Quebec, do Canadá e outros países conhecidos e desconhecidos— e a paisagem da margem do rio ao longo da fachada leste do edifício.

No início dos anos 1960 nós tínhamos despejado milhões de toneladas de pedra para formar o aterro ao longo do rio. Preocupados com a aparência áspera de sua margem, nós consultamos especialistas sobre como plantar na área. Disseram-nos que nenhuma árvore sobreviveria, então optamos por semente pulverizada. A natureza, porém, tem seus caprichos: logo os pequenos embriões de álamo brotavam entre as pedras. Semeados pela natureza e não pelo homem, estes álamos, nativos das margens do St. Lawrence, agora estavam mais altos e densos do que nossos plátanos e carvalhos. Toda a margem leste parecia uma selva, e abrigava patos e eventualmente um gambá ou guaxinim. As gaivotas marinhas tornaram-se familiares ao edifício. Em 1967 elas jamais pousariam ali. Hoje coroam a torre de elevador e os outros pontos altos.

O encontro aconteceu no apartamento de Frank Motter. Seu apartamento parecia saído de uma Playboy. Alguns anos antes, Motter tinha juntado dois apartamentos (quatro cômodos) (Komendant calculou que seria possível fazer uma abertura no cômodo). Seu apartamento tinha paredes espelhadas, mobília agradável em couro preto e vermelho, uma cozinha preta brilhante e tapetes grossos. Ainda naquela noite visitei outros apartamentos. O Sr. e Sra. Greenwald tinham móveis antigos, tapetes persas e uma coleção de arte contemporânea e medieval. Os Kwoks tinham mobília contemporânea cromada, aquários e um jardim viçoso. Cada apartamento tinha sua personalidade própria, muito forte, demonstrando que o cômodo pré-fabricado não é um impedimento. Cada morador tinha criado seu mundo próprio segundo sua imagem. O exterior coeso e unificado de unidades tipo iguais contrastava com a imensa diversidade dos mundos criados dentro deles.

Eu estava ali para discutir melhoramentos no edifício —refazendo as entradas, talvez construindo uma piscina e respondendo a questões dos inquilinos. Muitos queriam construir estufas em suas varandas. Eu havia proposto estufas em 1964, o que criaria jardins de inverno e de verão, mas isso foi vetado por razões orçamentárias. Agora, fato consumado, tentávamos achar um modo de construí-las.

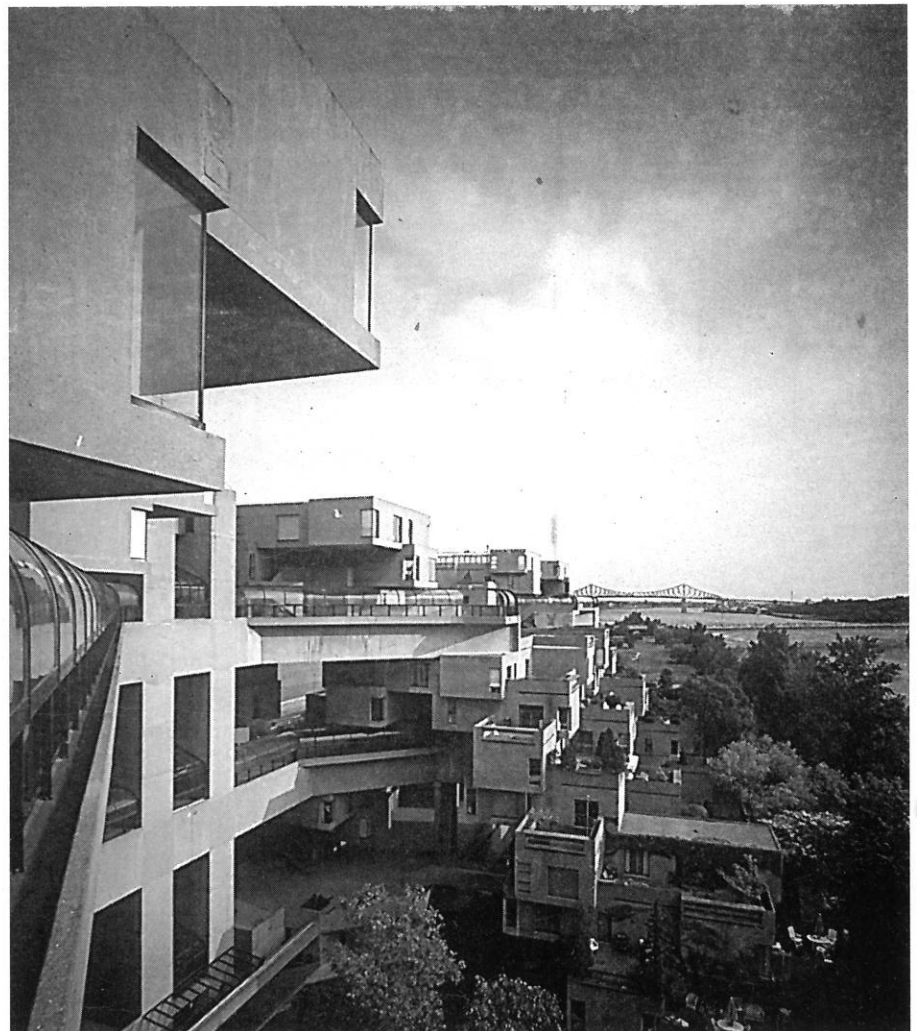
Eu não conseguia parar de pensar a respeito das infinitas discussões que prosseguiram depois que propus o projeto, sobre seu significado social e cultural. As pessoas na América do Norte gostam de viver assim? A cultura dos subúrbios e moradias unifamiliares daria lugar a uma habitação contemporânea na encosta do morro (sem o morro)? Essas perguntas eram feitas num contexto particular. Muitos dos projetos utópicos foram construídos como uma resposta aos males do urbanismo contemporâneo. A Unidade de Habitação de Marselha, o Parque Meadows de Mies van der Rohe em Detroit, os conjuntos habitacionais LCC em Londres, o projeto habitacional experimental em Beersheba, Israel e o Pruitt Igot de Yamasaki em St. Louis, foram todos inicialmente um sucesso entre os críticos profissionais, mas um fracasso total a nível de público.

Habitat tinha agradado a alguns críticos (Von Eckart, Huxtable, Zevi), e provocou a fúria de outros, pelo menos nos círculos arquitetônicos mais privados. Mas era um

sucesso popular, primeiro entre os visitantes da Expo e a imprensa leiga, e agora, o que era ainda mais significativo, entre as pessoas que vivem lá. Naquela noite me ocorreu que talvez aquele fosse, possivelmente, o único projeto utópico a ter realmente um sucesso popular.

Essa popularidade, infelizmente, não significou que Habitats estivessem proliferando em toda cidade grande do primeiro, segundo ou terceiro mundo. A promessa de industrialização e pré-fabricação, de edifícios melhores e mais baratos como uma resposta à necessidade de habitação para os desfavorecidos não se concretizou. Do mesmo modo, a promessa de que o edifício tradicional de apartamentos, o corredor duplo de lajes em altura e edifícios alinhados, com suas fachadas sem sacadas (ou com pequenas caricaturas de sacadas) daria lugar a Habitats com tetos-jardim, ruas de pedestres, exposição ampla e privacidade acústica, tampouco se materializaram. As idéias de Habitat, fossem tecnológicas ou ambientais, não se tornaram lugar-comum.

O aspecto tecnológico era fácil de explicar. Nos anos 1960 nós acreditávamos que a industrialização poderia reduzir enormemente o custo da habitação, melhorar sua qualidade e rapidez de entrega. A lógica parecia clara e vinha da tradição Buckminster Fuller segundo a qual o aperfeiçoamento dos meios de produção poderiam reduzir custos e tornariam a habitação acessível a todos os segmentos da sociedade. Em 1964, quando eu projetei Habitat, as taxas de juros eram de sete por cento. A terra no centro de Montreal e nesse caso também em Toronto ou Boston, poderia custar, aproximadamente, de três a sete dólares por m². No final dos anos 1970 as taxas de juro estouraram chegando a quase vinte por cento e estabilizaram ao redor de doze —o dobro dos níveis de 1964. Se o milagre da tecnologia tinha reduzido o custo da construção em trinta por cento (numa projeção otimista), o efeito combinado das taxas de juro e do preço da terra aumentaram os encargos mensais em pelo menos dois por cento. Estava claro que o problema não estava nos custos da construção.



Nos anos 1960 a agenda social estava bem concetada com a de arquitetos e políticos. Foi o período das cidades novas, da grande sociedade, dos subsídios vultuosos para a habitação e a renovação urbana. Não havia interesse no passado: na maior parte das cidades americanas e canadenses, demoliu-se edifícios históricos significativos. Foi um período de grande crescimento. Heróico, otimista, projetado para o futuro. O céu era o limite e o futuro seria um mar de rosas.

Os anos 1970 e 1980 mudaram tudo. Do ponto de vista da política, governos conservadores responderam com um novo mau humor político. O período da habitação pública para os pobres possibilitada por subsídios chegou a um final simbólico com a explosão de Pruitt Igoe em St. Louis. Nos contaram que novos métodos dariam conta da habitação para os pobres.

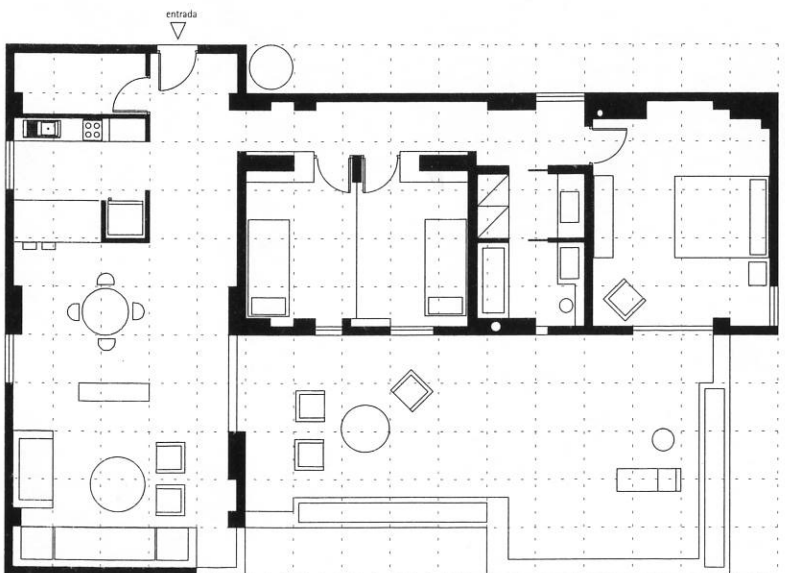
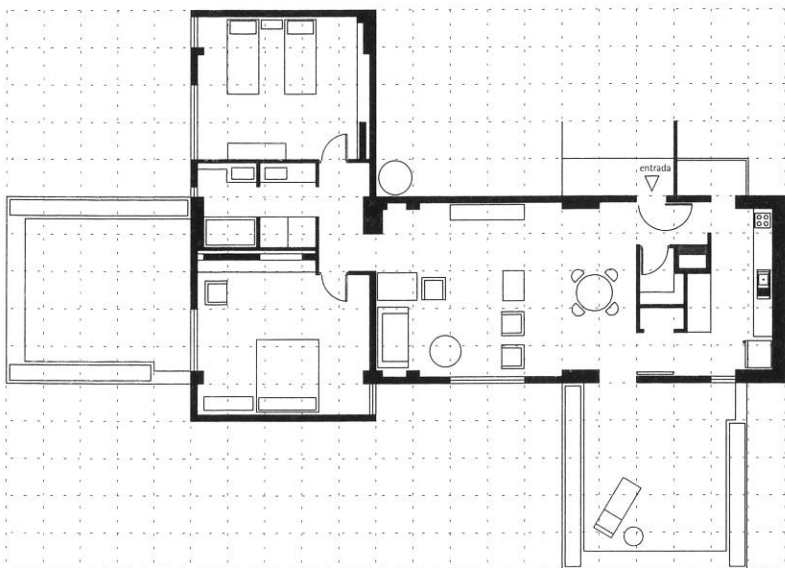
A operação Breakthrough, que teve início em 1969 com George Romney, então Secretário da Habitação e do Desenvolvimento Urbano nos Estados Unidos, foi o último impulso com o objetivo de mudar o estado das coisas na habitação através da tecnologia. Como resultado de seu fracasso ficou claro que a tecnologia era apenas uma parte menor do jogo de quebra cabeças da habitação. Com a construção de pequena escala, o investimento em instrumentos de industrialização era improvável. A fragmentação do mercado, sua ampla dispersão geográfica e as diferentes práticas de sindicatos e códigos de obra tornavam-na impraticável.

Mas nem tudo era negativo. A classe média alta que havia virado suas costas e abandonado o centro começava a voltar. A nova geração dos solteiros e yuppies concluíram que a vida no centro tinha muito a oferecer. O enobrecimento ocorria por toda a parte. Este, combinado com um interesse em história e preservação reforçado por novas leis fiscais que favoreciam a reciclagem de edifícios antigos, propiciou uma onda de reconstrução urbana, sendo que boa parte desta acontecia com a reciclagem do antigo estoque habitacional. Os valores imobiliários subiram e os edifícios antigos foram conservados e transformados em condomínios, escritórios e lojas. Isso fez com que o estoque de habitação para as famílias de rendimentos médios e baixos diminuísse ainda mais.

Os acontecimentos na esfera política tinham reflexos, o que não é surpreendente, no campo profissional da arquitetura e planejamento urbano. Era quase natural que em 1960 eu escolhesse o projeto de uma comunidade como objeto de tese. Nos anos 1980, quando eu dava aulas em Harvard, a habitação tinha desaparecido totalmente dos temas de tese. Museus, cemitérios, bibliotecas, edifícios para exposições eram então populares.

O pós-modernismo significou um interesse na história enquanto fonte de material. O novo ecletismo significava uma arquitetura gerada por preocupações pictóricas e descolada de suas raízes naturais em construção e terreno. A história oferece uma ampla gama de fonte de inspiração. Talvez fosse um reflexo adequado do clima político geral que a moda tenha caído no neoclassicismo —o lado mais elitista, sofisticado e o menos nativo da arquitetura do passado— ligado ao que havia de poderoso, controlado, autocrático. O interesse era em palácios, não em cidades; em grandes bulevares, não em mercados; simetria biaxial, não na adaptação ao local.

A publicidade ao redor do Habitat gerou uma série de encomendas interessantes: Habitat Porto Rico, Habitat Nova York para Carol Haussmen, Battery Park em Nova York para Sam Lefrak, Habitat Jerusalém para o Ministério da Habitação de Jerusalém, Operation Breakthrough e Fort Lincoln para a Agência de Reforma Fundiária (Redevelopment Land Agency) de Washington, D.C. Um



por um, esses projetos fracassaram em realizar seu papel. Cada um deles teve início com uma grande dose de barulho —contratamos engenheiros e especialistas em produção, construiríamos novas fábricas, balsas navegariam o rio Hudson com casas pré-fabricadas, ou instalariamos uma fábrica central na costa mediterrânea e transportariamos unidades pelo país. Porém, em todos os casos as despesas com aparelhagem e a incerteza quanto aos custos da construção comparados aos sistemas tradicionais fizeram com que os projetos fossem suspensos.

Em 1972 recebi a encomenda de projetar a Cidade Nova de Coldspring em Baltimore. Eu estava um pouco mais esperto e menos otimista quanto à industrialização e sugeri que deveríamos explorar ao mesmo tempo a construção convencional e a pré-fabricada. Coldspring deveria abrigar 4 mil unidades habitacionais em um terreno de quatrocentos acres. Deveria ser mais um dos novos empreendimentos de alta densidade com gabarito baixo. Em 1972 pensávamos que poderíamos construir mil unidades por ano e completar tudo em quatro anos. Por volta de 1974 tínhamos projetado seiscentas unidades ao ano. Mas em 1986 havíamos construído apenas um total de quinhentas. Mesmo então, a uma escala de mil por ano, a construção tradicional —testes de resistência, alvenaria e painéis pré-moldados— mostrou-se mais barata.

Coldspring avançou usando meios tradicionais de construção. Deu início a algumas inovações —a cobertura sob a qual podíamos acomodar os carros que permitiu uma densidade de vinte e três unidades por acre sem o uso de elevadores. Como Habitat, cada unidade tinha um jardim no térreo ou na cobertura. Como Habitat, foi um sucesso popular, construído com meios tradicionais.

Depois de Coldspring e do fracasso da segunda geração de Habitats, me dei conta que a ênfase em um sistema construtivo fechado era um equívoco. O futuro

pertenceria aos sistemas abertos nos quais partes componentes pré-moldadas desenvolvidas por diversas indústrias seriam reunidas num único edifício. Em um sistema fechado, achávamos que uma fábrica poderia produzir sistemas compatíveis que formassem todas as partes de um edifício —janelas, cozinhas, banheiros, estrutura, elementos de aquecimento e refrigeração. Em um sistema aberto nós podíamos juntar componente pré-moldados disponíveis, sistemas de paredes contínuas, elementos estruturais modulares e conjuntos mecânicos. Concluí que era o caso de tentar pensar na indústria como um todo coordenado para tornar componentes individuais compatíveis, do ponto de vista do dimensionamento e sob outros aspectos. Levou pelo menos outra geração antes que atingíssemos essa meta.

Era natural que o tipo de edifício que poderia por si só levar ao sistema aberto de industrialização nos anos 1970 e 1980 fosse a torre elevada. Era o único tipo de edifício, pelo menos na América do Norte, que era construído em grandes quantidades, enquanto a construção habitacional minguava. Com o volume exequível, seu programa simples de amplos andares abertos, um centro e uma pele, significava que com um mínimo de coordenação era possível combinar sistemas de paredes contínuas, conjuntos de elevadores, aquecimento e refrigeração artificial e estrutura de aço. A eficiência impressionante da combinação de partes sem qualquer relação ainda está para se tornar lugar comum para outros tipos de edifícios.

Curiosamente, o lugar onde as idéias tecnológicas de Habitat tiveram significado foi naquelas partes do mundo onde continuou havendo um volume alto de construção habitacional: o Terceiro Mundo emergente —Hong Kong e Singapura. Esta última viria a ser o cenário para o único prosseguimento do que foi o verdadeiro Habitat, uma encomenda do armador Robin Loh para projetar a fábrica onde construiria novas habitações luxuosas e de classe média. Hoje as duas torres no centro da cidade construídas de modo convencional estão completas e uma estrutura de produção em seu estaleiro para um sítio grande



(com cornija e desenho de produção por Cipriano Da Re) espera um mercado imobiliário mais avançado para que possa ser lançada.

A pedidos de Robin Loh, nós fomos também para a Austrália, como urbanistas-chefe para um sítio de 4 mil acres na Gold Coast em Queensland. Um grande cassino e um complexo turístico seriam construídos como parte de Robina Newtown. A fábrica de Robin em Singapura deveria fornecer os módulos pré-fabricados. Mais uma vez, eu trabalhava com Dr. Komendant, que hipnotizava seu parceiros australianos com uma série em grande escala de hotéis, cassinos, arenas e centros de convenções.

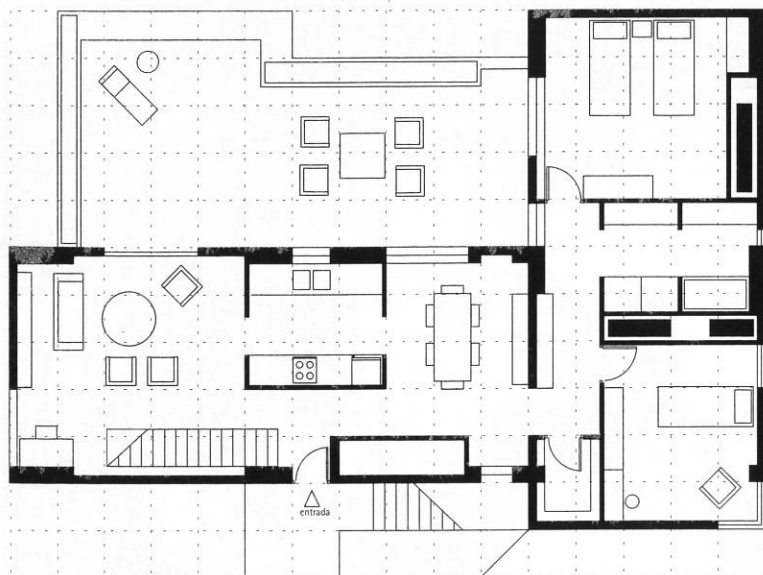
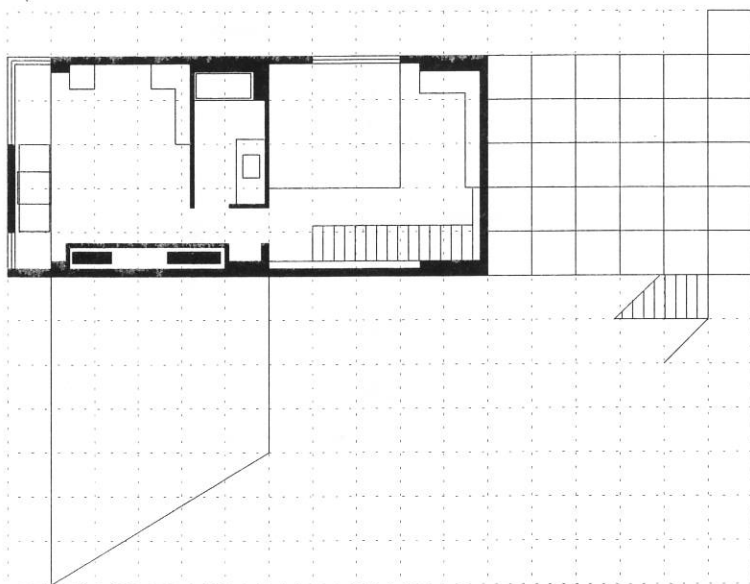
Uma vez que Habitat estava completo, sempre havia a tendência a se confundir duas idéias separadas e até mesmo diferentes: a noção da cela espacial pré-fabricada —uma idéia tecnológica— e a noção do renovador edifício alto, com seus equipamentos e jardins, aberturas e ruas ao ar livre —uma idéia ambiental. Eu sempre enfatizei a independência dessas idéias. As idéias ambientais de Habitat são centrais —os meios de se atingi-las através de sistemas construtivos abertos ou fechados, materiais leves ou pesados, construção tradicional ou inovadora são secundários—, como meios para um fim, não um fim em si.

A questão recorrente é: qual foi o impacto que Habitat causou no projeto de edifícios desde que foi concluído em 1967? É uma cobrança difícil para o autor de um projeto —o devido distanciamento é difícil e a perspectiva temporal é insuficiente. O que é óbvio é que a realização de Habitat ocorreu em um momento crucial do questionamento dos anais e conceitos do movimento moderno. Embora não seja geralmente chamado de pós-moderno ele foi, olhando retrospectivamente, definitivamente uma estrutura revisionista construída sobre as idéias de grupos como o Team 10 e que rejeitaram os modelos de habitação de Le Corbusier e Mies (Unidade de Habitação de Marselha, Lake Shore Drive). Propôs que os edifícios altos para habitação, escritório ou qualquer outra atividade podem e devem ser repensados ao nível fundamental dos ambientes que eles proporcionam e das possibilidades que a tecnologia oferecem para sua remodelagem. Essa atitude revisionista era acompanhada pela preocupação, talvez obsessão, em se manter a variedade e riqueza da forma dentro de um método construtivo dependente do uso múltiplo de elementos estandardizados repetitivos. Para mim, este ainda é um dos temas centrais da arquitetura contemporânea.

Desde 1967, para os arquitetos de minha geração que continuavam tendo interesse na cidade como um todo, as escolhas eram mais amplas do que antes: os primeiros trabalhos de Bofill na Espanha, os novos bairros e subúrbios de Paris, os hotéis com terraços de Cote d'Azur e a habitação em terraços nas colinas de Jerusalem, Haifa e Nazareth em Israel, que são equivocadamente atribuídos a mim. Isso dá a dimensão do impacto causado pela realização de Habitat.

O empurrão principal da vanguarda da profissão foi, todavia, em outro domínio —a geração conhecida e identificada por Scully e Jenks— outro tipo de pós-modernismo que eu discuti em alguma profundidade no número de dezembro de 1981 da *Atlantic Monthly*, *Private Jokes in Public Spaces*.

Talvez seja um erro considerarmos o impacto de Habitat pelo mundo afora e subestimarmos a questão do impacto que Expo e Habitat tiveram em Montreal. A abertura da Expo foi marcada por um momento de grande otimismo. Montreal foi colocada no mapa mundi. Tornou-se uma cidade universal. Os anos 1970 e o início dos anos 1980 foram períodos de convulsão social e política, separatismo, êxodo e recessão econômica para Montreal. Não obstante, devagar e sempre, o objetivo do grande plano da Expo começou a produzir resultados. Dentre os muitos terrenos sugeridos, a proposta de Robillard-van Ginkel, que foi finalmente aceita pelo Prefeito Drapeau, era situar as exposições na Cité du Havre, uma expansão da ilha Ste Helène e na ilha artificial de Notre Dame, criando assim uma extremidade de praia —uma janela para o rio. Prevendo a mudança para o porto industrial no fim do rio, todos nós acreditamos que essa mudança ao fim significaria que a beira do rio e o Porto Antigo seriam



reivindicados para a população de Montreal. Muitos anos se passaram e estive envolvido em muitos esforços de planejamento do CMHC em 1978, com a corporação para o desenvolvimento do Porto Antigo em 1980 e 1982, com audiências públicas em 1984 e 1986. Agora a sorte está lançada; elevadores de grãos foram demolidos, trilhos de estradas de ferro desviados, alpendres desmantelados e árvores plantadas. Vai levar mais vinte anos e foi mais lento do que em Toronto e Vancouver, mas a tendência que começou na Expo provou-se irreversível.

Antes de vender o Habitat, o CMHC vendeu também a terra adjacente. O empreendedor prometeu construir um paraíso tropical —uma estrutura de doze andares cercada por um jardim tropical com telhado redondo de vidro como uma alternativa para Flórida para os habitantes de Montreal. Talvez seja uma antítese do Habitat, criando um mundo artificial interno, enquanto Habitat vive com as estações, verão e inverno. Traz os elementos para si, se não literalmente, ao menos simbolicamente.

O escritório que fundei para a realização do Habitat prosperou depois de 1967, mas todas as encomendas eram estrangeiras. Nós fizemos uma loja em Maisonneuve West perto da Crecent Street, onde esboços e modelos eram feitos para Jerusalém, Singapura, México, Baltimore, mas nunca Montreal. Habitat foi um projeto polêmico e talvez o livro, *Beyond Habitat*, seja ainda mais controvertido. Sua publicação em 1970 aborreceu muita gente.

Talvez a pessoa mais coerente em seu antagonismo tenha sido o prefeito Jean Drapeau. Ele queria construir uma torre na Expo. O grupo de diretores, e depois disso o governo federal, teve de escolher entre a torre e Habitat. Ele nunca desistiu da torre, pressionando seu arquiteto, comissionado para as instalações dos Jogos Olímpicos de 1976, para que incorporasse a torre no estádio. Mas parece que o destino de Drapeau era jamais conseguir

realizar sua torre. A torre Olímpica e o telhado retrátil para o estádio não eram factíveis nessa época e tentativas subsequentes de se fazer torres em Mount Royal e outras parte da cidade jamais chegaram a termo. Mas Drapeau era coerente ao tentar barrar qualquer esforço ou proposta que partisse de mim. Ele recusou a proposta de situar a Vila Olímpica na Cité du Havre perto de Habitat e os estádios Olímpicos na Ile Notre Dame, onde estavam toda a infra-estrutura e as linhas de metrô. Ele preferiu continuar colocando as coisas na direção do leste, artificialmente, reforçando, pensava ele, a parte francesa da cidade, quando parecia claro que toda a cidade tinha se tornado francesa. Ele se opôs a vários planos que desenvolvi para o Antigo Porto a pedido do governo federal, mas talvez o que seja mais crucial é que seu antagonismo mais generalizado fez com que eu não recebesse mais propostas de trabalho em Montreal por todos os anos 1970.

As coisas complicaram quando em 1976 fui excluído do grupo de dez escritórios de arquitetura convidados a participar na competição para Museu Nacional em Ottawa. Fiquei alarmado. A controvérsia de Habitat tinha afugentado todos os clientes particulares, especialmente os empreendedores do Canadá. Em Montreal as portas estavam fechadas e agora eu era expulso dos projetos federais. Escrevi para Trudeau, que era então primeiro ministro, e expus minha preocupação. Sua resposta foi amigável e encorajadora. Ele sugeriu que eu contatasse o Ministério de Obras Públicas, o que fiz. Realizei diversas viagens a Ottawa, encontrei-me com ministros e deputados. Me dei conta, intuitivamente, que um escritório de arquitetura sem envolvimento com a comunidade era um meio ambiente impróprio para o desenvolvimento de idéias.

Em 1978 fui procurado por Gerry McCue, diretor da Faculdade de Design de Harvard, que me convidou para conduzir o Programa de Desenho Urbano e assumir o papel de professor-chefe de Arquitetura e Desenho Urbano. Eu levei em conta as conseqüências. Teria



Canadá depois do de Quebec e de dois museus de Ottawa, e eu naturalmente me candidatei e fui incluído numa lista restrita. O Museu Nacional ficava bem dentro da construção, o que agradava aos curadores, diretores de museu e público. A seleção deveria ser feita por arquitetos do Canadá. Se eu fosse bem, seria meu primeiro edifício em Montreal depois de Habitat. Ponderei os problemas. Já tinha uma experiência em projeto de museu e nesse momento era considerado um especialista. Na entrevista eu afirmei que havia visitado cinquenta e três museus com curadores e funcionários na preparação para o projeto do Museu Nacional. Assinalei com ênfase, sem papas na língua, no momento da seleção para o Museu Nacional, nunca ter projetado um museu de belas artes, mas que isso não poderia ser usado contra mim (pensamos nas coisas mais primárias quando disputamos um edifício). Minha experiência de então não deveria ser levada muito a sério. A confiança conquistada com os projetos dos museus de Quebec e Ottawa prevaleceu e em 3 de julho de 1985 fui encarregado de projetar o anexo do Museu de Montreal. Mais uma vez, estava imerso com o ato de projetar e construir na cidade onde minha vida profissional tinha começado.

O projeto original de Habitat, complexo de 2 mil unidades concebido antes de ter sua escala reduzida, trabalha não apenas com habitação, mas com a noção de empreendimento urbano tri-dimensional de múltiplo uso —escritórios, hotéis e lojas. Minha preocupação com o uso misto e edifícios altos permanece. Sempre me perguntei como poderia dar conta dos constrangimentos ainda maiores e do problema difícil de um tecido urbano muito denso, como temos em Chicago e Nova York. Em 1985, duas semanas depois que fui nomeado para fazer o Museu de Montreal, ganhamos, junto com nosso cliente/empreendedor Boston Properties, o concurso para

o projeto de levantar o Columbus Circle no lugar do então Coliseum de Nova York. Nove milhões de m² incluíam o centro empresarial dos irmãos Salomon, trezentos apartamentos (exatamente o dobro de Habitat 67), um hotel de trezentos quartos e uma grande galeria de compras, tudo isso situado onde talvez seja o espaço mais importante de Nova York.

Minha agenda pessoal secreta foi ampla. O tema *Um jardim para cada um* (título do meu segundo livro), a idéia de criar um espaço humano e enriquecedor para o trabalho e a preocupação de projetar espaços públicos que reforcem a vida de rua da cidade, lugares extrovertidos contrastando com oásis privados introvertidos, tudo isso estava em minha cabeça quando fiz o projeto. Uma grande galeria em curva seguia a geometria do círculo ligando as ruas ao redor; estufas de cinco andares e apartamentos com salas envidraçadas suspensas e terraços que subiam do quadragésimo terceiro até o septuagésimo andar. O edifício culminou em um telhado em forma de pirâmide, de vinte andares, onde ficavam os apartamentos-terraço. Eu percebi que esse topo era igual em altura ao Habitat 67. Aqui tinha uma escala nova, talvez "A Cidade Nova". As restrições eram inúmeras e a densidade era imensa, mas as idéias que começaram a acontecer em Habitat estavam, para mim, visivelmente vivas e eram corretas.

